



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

O 1.º DE MAIO É O DIA DOS TRABALHADORES

Mais uma vez se aproxima a histórica data do 1.º de Maio. O que tornou esta data querida detodos os trabalhadores é o facto dela ser um símbolo de luta do proletariado, personificado na obtenção da jornada de 8 horas de trabalho após uma árdua acção reivindicativa concretizada na greve geral na América em 1886, tendo as forças da reacção capitalista respondido com a mais feroz violência na cidade de Chicago, da qual resultou a morte e ferimentos a centenas de trabalhadores indefesos.

Mas a luta heróica dos «Mártires de Chicago» não constituiu um esforço em vão. O proletariado americano passou a ser secundado nesta reivindicação pelos trabalhadores dos outros países, inclusivé a classe operária portuguesa, que acabaram por conquistar as 8 horas.

A partir de 1889, o 1.º de Maio passou a ser uma jornada de acção não apenas desta ou daquela classe, deste ou daquele povo. Ele é um símbolo de luta do proletariado internacional, unindo através das mais variadas acções desenvolvidas os trabalhadores de todo o mundo.

Para os trabalhadores portugueses também o 1.º de Maio é uma data querida, que representa uma etapa vitoriosa na sua dura e longa luta.

Não está porém, ao alcance dos trabalhadores portugueses, comemorar o 1.º de Maio como é seu desejo, uma vez que recai particularmente sobre a classe operária a opressão dum regime que nos nega as mais elementares liberdades como sindicais, de reunião e de associação.

No entanto, é impossível manietar a classe operária. Jamais em Portugal e no mundo

os trabalhadores deixaram de se organizar e lutar em defesa dos seus sagrados interesses, por mais opressor que possa ser o regime que os oprime. A classe operária é a vanguarda e a maior força existente em qualquer país do mundo. Eis porque ela conquistou já a sua emancipação em alguns países e acabará por conquistá-la também, onde ainda é explorada.

A volta do 1.º de Maio erguem-se os trabalhadores do mundo inteiro. Nos países onde os trabalhadores são hoje os donos dos seus destinos e constroem um mundo melhor, eles festejam livremente e em potentes manifestações a sua felicidade e reivindicam a paz para todos os povos, que seja posto termo aos armamentos e terminem as experiências atómicas.

Nos países onde os trabalhadores ainda são explorados, isto é, são uma fonte de receita para os capitalistas, unem-se em grandes e pequenas manifestações reivindicativas, exigindo paz, liberdades e melhores condições de vida.

Tendo em conta o agravamento das condições económicas da classe operária portuguesa e particularmente da classe têttil, classe que engloba cerca de 500.000 pessoas e à qual lhes vem sendo negado um aumento de salários que corresponda ao actual custo de vida;

Tendo ainda em conta que à classe têttil como a todos os trabalhadores portugueses lhes é negado as mais elementares liberdades, como sindicais, à volta das quais o governo nem cumpre com as suas próprias leis e tenta impedir que os trabalhadores elejam para os seus sindi-

(continua na página 2)

POR UMA AMPLA AMNISTIA

É já hoje sentida por todos os portugueses honrados a necessidade dum ampla amnistia para todos os presos e perseguidos políticos.

As acções empreendidas nos últimos tempos pelo povo português no sentido de libertar aqueles homens e mulheres simples que há anos permanecem encarcerados cujo único «crime» é defender os sagrados direitos dos trabalhadores, são um índice do seu amor à liberdade e de ódio contra a repressão exercida pelo governo de Salazar no nosso país.

O povo português está saturado de viver oprimido, ele deseja ardentemente libertar-se das algemas que o amarram há 33 anos e ver rair no seu país o Sol da Liberdade. Para isso «O Têttil» aconselha a assinatura em massa da Declaração saída do almoço que se realizou em Braga a enviar ao governo pedindo uma ampla amnistia e a qual já tem a assinatura de algumas dezenas de têtteis do Norte.

A luta pela amnistia é uma luta verdadeiramente nacional; nela cabem todas as pessoas de bem, qualquer que seja a sua ideologia. E isto é um facto verificado já através de alguns documentos subscritos por milhares de portugueses. Só no Couço, para um têtto sobre a Amnistia, foram recolhidas 1.650, das quais 800 eram de mulheres. Além de assinaturas, outras iniciativas têm sido levadas à prática como cartas, etc., enviadas aos Presidentes da República e do Conselho.

Figuras prestigiosas do nosso povo como Sua Ex.ª R.ª o Bispo do Porto, General H. Delgado, prof. Ruy Luiz Gomes, ex-deputado H Galvão e tantos outros, estão privados de pisar o solo pátrio ou de ganhar o seu pão junto dos seus e na terra que os viu nascer.

Cabe a nós, operários têtteis, intensificar a recolha de assinaturas ou outras iniciativas como envio de cartas e postais, etc. exigindo que o Governo promova uma ampla amnistia.

«O Têttil» apela para que todos os trabalhadores têtteis, homens e mulheres, juntem a sua voz a milhares de outras que se erguem num só grito para exigir UMA AMPLA AMNISTIA A TODOS OS PRESOS E PERSEGUIDOS POLÍTICOS E QUE CESSÉ O TERROR EM PORTUGAL.

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 1)

catos direcções compostas de homens sérios e da sua confiança, « O Têxtil », tendo presente o desejo de luta manifestado pela nossa classe, apela para todos os têxteis e suas famílias para que, à volta do 1.º de Maio, dia dos trabalhadores, seja levado a efeito uma jornada de luta por:

- 1.º — Aumento de 60 por cento nos salários para toda a classe;
- 2.º — Que em todas as sindicatos sejam efectuadas eleições honestas.

Pensa a Redacção de « O Têxtil » que cabe aos têxteis em cada terra e empresa, assentarem como se devem unir, organizar e lutar à volta das duas reivindicações básicas.

No entanto, não pode a Redacção deixar de lembrar, que as concentrações nos sindicatos e outras autoridades — como I.N.T. etc., aprovação de moções e abaixo-assinados a enviar aos sindicatos, I.N.T., Ministro, etc., pedindo a satisfação imediata das duas reivindicações mencionadas, são formas de luta importantes, entre outras, a que a classe não deve deixar de ter presente.

Saudamos os trabalhadores de todos os países que lutam pela Paz e pela participação da classe operária!

Confraternizemos e reivindicamos o aumento de salários e as liberdades sindicais!

Vivam os trabalhadores de todo o mundo!

Viva o 1.º de Maio!

FUNDOS

Rubricas recebidas:

Ajuda ao « Têxtil »	2550
Amigos da Liberdade	20800
Amigo do Povo	10800
Dois operários mais um grupo	30500
Dois amigas	2850
Operário de Braga	1550
Operários ajudam « O Têxtil »	15500
Os que lutam pela Liberdade	22850
Pela queda do fascismo	30500
Uma contribuinte do « Têxtil »	2850
Viva o « Têxtil »!	100500
Zé Manel	5500
TOTAL	241550

CONVERSANDO

Depois dos incidentes da manhã, os operários não falavam noutra coisa, senão nas palavras do delegado do INT.

Pela tarde adiante, Zé Rôla e outros companheiros diziam à rapaziada: — Vamos ao Penedo!

Ali, no cimo do monte, ao nível dos ~~chão~~ das fábricas, era o sítio da malta. Lá em baixo a exploração infernal, o livro dos fiados, o Dr. Cruz, a PIDE.

Os companheiros chegavam de todas as direcções e no meio delas, mulheres também. Tio Bernardo, um dos homens mais idosos e de mais prestígio também, tomou a palavra: — Companheiros, não é a 1.ª vez que nós vimos aqui para discutir e resolvermos coisas do nosso interesse. Como das outras vezes eu continuo a pensar que nós devemos passar a fazê-lo no sindicato. Essa gente que anda para aí, que sabe botar discursos, prometer mundos e fundos, não nos dará nada do tamanho duma unha se nós não os obrigarmos. O que se passou hoje foi mais uma prova. Porém, somos todos nós que podemos decidir, para isso estamos aqui.

Ainda nervoso das cenas no Sindicato, o velho deixou os olhos cair em sobre os companheiros. Um do seu tempo, o Zé Manco, adiantou-se:

— Rapazes, sou velho como o Tio Bernardo, como êle tenho visto muita luta, exposições, mas no fim é sempre este o resultado. Eu também penso que sem luta, eles não nos vão dar nada; no entanto, há muito que ando cá a matutar numa ideia. Rapazes, vamos botar-nos a êles.

Adivinhando o efeito daquelas palavras, João, nem deixou o Tio Bernardo adiantar-se:

— Amigos, estive a ouvir o Zé e ao mesmo tempo olhando para vós. Notei que mais importante que as palavras dele era a maneira como vós as estavamos a ouvir. Em 1.º lugar isso mostra as vossas disposições e em 2.º lugar, que se muitas das nossas lutas não têm saído vitoriosas, isso se deve em parte ao facto de vós não estarem convencidos do seu êxito.

Companheiros, vou aqui referir-me a um assunto muitas vezes discutido, mas ainda não compreendido. A luta defendida pelo Zé é uma luta, evidentemente. Mas quem vai desenvolver essa luta? É meia di-

zia ou a classe inteira? Se é meia dúzia, não estou de acordo. Se é a classe inteira, faço outra pergunta: — nesse caso porque dizemos vamos para a bordadoa e não dizemos vamos para a greve? Nós queremos levantar cabeça no meio da miséria em que vivemos, porém, muitas vezes, embora não o digamos abertamente, preferíamos que a solução nos caísse aos pés, a ser o resultado do nosso esforço.

Por outro lado, também o resultado não é sempre o mesmo. Temos o exemplo dos pescadores de Matosinhos, se outros não houvessem. Nós na nossa classe temos condições de recorrer à luta superior. Apesar da crise, os Pintos de Azevedo, os Ferreiras, os Condes de Vizela, ganham somas fabulosas. Está ao nosso alcance organizar uma luta que pela sua força e unidade os obrigue a ceder. O êxito não está na bordadoa, mas sim no esforço que desenvolvemos, na unidade que criamos.

As palavras de João calavam nos companheiros, no entanto, Zé Rôla não podia deixar de reforçar:

— Sim, João tem razão. Quem nos explora é o patrão e quem protege o patrão é o governo. Contra estas duas entidades se deve desenvolver paralelamente a nossa luta. O êxito dela está na acção por nós desenvolvida. As ideias de que não vale a pena, essas é que não levamos nada. Nós como operários devemos ter a ideia de que os patrões por sua livre vontade não nos vão senão explorar. Quem pode impedir isso senão nós? Então discutamos e assentemos como o fazer. Nesse sentido, proponha que daqui todos nós saíssemos com o objectivo de proceder a reuniões nas nossas empresas e no sindicato afim da classe assentar o que deve fazer.

No grupo, todos aprovavam as propostas de João e Rôla.

— Isto da porrada é como os golpes militares, é uma luta que não é nossa — dizia o Quim Caneixo à Camila — dá apenas para os aventureiros subirem de posto.

— Vem pelo Souto uma patrulha para a ronda, deve passar por aqui — era a voz de Artur que voltara de mais uma volta de inspecção ao monte.

Aos grupos, os companheiros tomaram o caminho do povoado e embora por caminhos diferentes cada vez iam mais unidos para a vitória.

Denunciemos o novo Contrato da Indústria de Lanifícios

ARTIGO DE UM LEITOR

Camaradas, o novo contrato da indústria de lanifícios representa uma força quanto a melhorias para os operários.

Se o confrontarmos com o anterior logo concluiremos que é uma revisão audaciosa deste a fim de favorecer ainda mais os patrões.

Deram-nos 25 por cento nos salários quando ninguém desconhece a insuficiência deste aumento porque só um salário móvel compatível ao custo de vida nos assegura uma existência condigna.

Na remuneração do trabalho, o operário à tarefa continua sujeito aos danosos 80 por cento da fêria mínima quando sempre se esperava ver esta cláusula suprimida.

O horário das mulheres ficou de novo com o 2.º turno apesar de estar comprovado que o trabalho da noite, além de muitos outros inconvenientes, destrói o atonecho do lar obrigando a mulher a estar ausente do seu companheiro e filhos.

PARA AMOLECER o descontentamento dessas operárias, foi-lhes atribuído um suplemento de 3500 para o 2.º turno, o qual, segundo se consta, o patronato não lio quer conceder.

Companheiras, fazei-vos valer da cláusula 65.ª que legisla esse direito diminuto para vós.

Na cláusula 47.ª foi criado um parágrafo que impõe a todo o operário a perda de férias graciosas logo que dê durante o ano mais de 60 faltas por doença... Isto é uma barbaridade.

Numa geração como a nossa que está deprimida até à medula dos ossos--prênio de 30 e tal anos de corporativismo--qualquer trabalhador está na contingência de perder o merecido repouso das férias anuais.

Aboliram o parágrafo único da cláusula 19.ª que determinava não poder um tecelão trabalhar com mais de um tear. Tomaram a liberdade de incluir -pois que para nada da elaboração do contrato foi consultado o parecer dos operários-- todas as promissas que lhes dão acesso a automatizarem a indústria de Lanifícios.

Não somos contra o progresso mas estamos atentos ao que eles farão ao excedente de braços que ora trabalham, bem como à juventude que ainda precisará ganhar o pão de cada dia.

Estes breves comentários à revisão do Contrato dão uma pédua ideia do seu con-

O 50.º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA e as eleições para deputados

De acordo com a resolução dum Comissão Nacional de democratas, as comemorações do 50.º aniversário da Implantação da República tiveram início no 31 de Janeiro, tendo movimentado à volta desta data muitas dezenas de milhar de pessoas.

Para isto muito contribuiu a forma como a classe operária tem vindo a actuar, cada vez mais amplamente, na luta política.

Em muitas localidades, segundo sabemos, efectuaram-se reuniões de operários para discutirem a sua participação no 31 de Janeiro, a formação de Comissões destinadas a agir conjuntamente com as comissões democráticas nas comemorações do 50.º aniversário, sobre o recenseamento, para pedir uma ampla amnistia e preparar a sua participação nas eleições para deputados que se realizam em 1961.

Esta acção da classe operária é realista, corresponde às necessidades da luta política nacional e defende os interesses do nosso povo.

Não basta que o calendário democrático tenha marcado o 50.º das comemorações da República, mas sim que estas constituam uma ampla e importante jornada de massas.

Na mobilização das massas, têm um papel importante as comissões de trabalhadores que, pela sua combatividade, confiança e ligação com as massas serão capazes de dar ao descontentamento nacional a sua expressão prática.

Porém, não é apenas o 50.º aniversário da República que aparece no horizonte político. Temos pela nossa frente um outro acontecimento de larga importância para os traba-

lhadores, pois que para se poder ajuizar bem teríamos de descer ao pormenor.

§ § §

Na Empresa Transformadora de Lãs de Unhais da Serra há um 3.º turno suplementar que não é remunerado com os devidos 50 por cento.

Comaradas, vos tendes direito à remuneração extraordinária, assim como serdes incluídos no quadro permanente logo que trabalhais mais de 120 dias no ano. No mesmo firme o patronato levou os operários a assinarem um documento que os classifica em categoria inferior à que na realidade ocupam...

Houve um operário que se recusou a fazer tão burlesca assinatura, afirmando que se o despedirem já terá direito a cerca de 30 contos de indemnização!

lhadores que constitui as próximas eleições para deputados, em 1961.

Tendo em conta a experiência colhida no terreno da luta política nas últimas eleições presidenciais e a enorme importância que teria para a classe operária e para a nação conseguir pôr na Assembleia representantes do povo, justifica inteiramente que este se organize e dê o melhor da sua acção nas eleições, condição principal para que o governo respeite as leis e a vontade da nação.

E se é certo que o governo por temer o povo costuma nos actos eleitorais retirar a este as possibilidades de pôr à frente dos destinos da Nação os seus dignos representantes, não é menos certo também que as últimas eleições mostraram que uma potente acção de massas à escala do país, organizada e activa, pode levar o governo a respeitar a vontade do povo. Isto é necessário e possível, tanto mais que existem em todo o território nacional milhões de portugueses que desejam ardentemente verem surgir um governo de portugueses honrados à frente dos destinos da sua Pátria.

Fazer reuniões de trabalhadores e formar comissões em todas as terras para desde já assentarem a sua participação nas comemorações do 50.º aniversário da República e nas próximas eleições para deputados constitui um dever de todo o povo, de todos os trabalhadores, de todos os têtes.

Para a mobilização e condução das massas à volta destes dois acontecimentos nacionais terá um papel muito importante as comissões de operários a serem formadas.

Os trabalhadores, mais que ninguém têm uma vida difícil e estão interessados em que os seus interesses sejam defendidos. Mais que ninguém, também os trabalhadores devem ser os primeiros e os mais activos em acções que poderão modificar a actual situação.

À volta das comemorações da República e das eleições para deputados, a acção de massas no país pode tomar proporções tais que leve o povo à conquista de reivindicações pelas quais desde há muito vem lutando.

INFORMAÇÕES DAS EMPRESAS

BRAGA—Na empresa de Ruães, foi recentemente aumentado o número de teares a cada operário, passando os números máximos de 10 para 14. Este aumento de teares, apesar de significar um largo aumento na produção, reduziu num excesso de esforços para os operários e os salários não passaram dum insignificante aumento de 1800.

FAPE—Na Fábrica do Ferro, um afinador de teares automáticos pediu ao engenheiro um trabalhador para azeitar os teares. Como isto exigia mexer nos interesses económicos da empresa, a resposta foi que fizesse ele o trabalho.

GUIMARÃES—Na firma José Torcato «Hortas», os operários somente podem ir à retrete uma vez de manhã e outra de tarde, dispondo para cada uma destas ocasiões apenas 5 minutos. O mestre está encarregado de vigiar a infracção desta medida a qual é punida com uma multa de 30\$00. Muitos casos se têm dado de operários que no fim da semana ao receberem a fêria a vêem descontada. Perguntando a razão do facto recebem como resposta: — foi por teres ido mais de uma vez à retrete.

RONFE—Na firma Barbosa e Melo, uma operária casada e mãe de 5 filhos foi despedida ao fim de 12 anos de trabalho na mesma empresa. Embora a sua magra fêria sempre tivesse sido diminuída pelos habituais descontos não recebeu qualquer indemnização. Acresce ainda que o marido desta operária, têxtil também, se encontra a trabalhar apenas 3 dias por semana.

LORDELO—Na firma a «Flor do Campo», foram despedidas 39 mulheres. No acto do despedimento a gerência anunciou às operárias que podiam voltar lá para Abril a ver se já havia que fazer.

Um operário desta empresa, pai de 7 filhos, foi despedido. Antevendo a miséria que se iria instalar em sua casa e num gesto desesperado, suicidou-se, lançando-se ao rio.

NEGRELOS—A firma Narciso M. Guimarães, após a notícia publicada no «Têxtil», resolveu pôr fim à laboração aos domingos e feriados. Para isso admitiu mais pessoal e organizou mais um turno. No entanto, por má distribuição dos turnos, os operários não podem levar de seguida o seu horário de trabalho. Interrompendo a meio o horário, são

obrigados a esperar 3 e 4 horas para recomençarem. Este facto traz muitos prejuízos aos têxteis não só por significar um prolongamento do seu horário, como lhes prejudica o merecido descanso, principalmente para os que levam uma hora e mais no trajecto para casa.

— Na firma do Rio Vizela, pelas alturas do Natal, a gerência, ao contrário dum hábito já muito antigo, deu este ano consoada aos operários. Nesse sentido fez distribuir retalhos, garrafas de vinho do Porto, cobertores e brinquedos. Os operários que sabem quanto aí são explorados comentam que isso foi para lhes adoçar o bico, devido ao aparecimento duma notícia no «Têxtil» relativa àquela empresa.

RIBA D'AVE—Na empresa de Gavim os operários que estavam a trabalhar com um tear e a vencer um salário diário de 24\$50 viram o seu salário reduzido para 22\$50 (salário moda na zona têxtil do Minho) depois de aumentado o número de teares para 4.

As queixas dos operários têm sido dadas respostas que são ameaças de despedimento. Duas mulheres que não aguentaram o trabalho foram despedidas. É de notar que nesta empresa são muitos os casos de operários que baixam à Caixa por doença.

— Na firma Oliveira Ferreira há uma qualidade de pano cuja produção é paga ao operário a preço muito baixo. Isto origina que muitos tecelões não conseguem no fim da semana tirar uma fêria superior a 70\$00. A entidade patronal no intuito de fazer esquecer esta exploração brutal e até para passar por gente de bem, facultou um empréstimo a estes operários para perfazer um fêria de mais alguns escudos, empréstimo que posteriormente será descontado quando os operários estiverem a laborar na produção de outras qualidades de pano.

DELAES—Na firma J. Ferreira Braga o padrão aumentou recentemente a número de teares de 2 para 3. Também o preço das relações lá base de sapal na cantina, subiu de 1\$20 para 2\$50. Não satisfeito, o patrão teve o requinte de anunciar que não valia nada aos operários começarem com protestos porque dentro em breve estaria a trabalhar com um número ainda maior de teares e que era para quem queria.

PORTO—Na fábrica Salgueiros os operários são obrigados a trabalhar com 4 teares, o que é superior às suas forças.

(continua na página 6)

O QUE IMPEDE O AUMENTO DOS SALÁRIOS

Há muito tempo que a classe vem lutando por um aumento de salários que nos permita fazer frente ao agravamento do custo de vida. As entidades governamentais, patronais e sindicais têm conhecimentos das nossas variadas delícias nesse sentido, às quais, desde há muito reconhecem que os nossos salários são baixos e prometem estudar o assunto.

Apesar de todas as promessas, qual é a realidade? Cada vez aumentam mais o custo de vida e a nossa situação não melhora, pelo contrário, de dia para dia se avoluma a exploração. Ora é uma pressão exercida constantemente para trabalharmos com um maior número de máquinas; ora é um corolário de multas as mais disparatadas, por reais ou hipotéticos defeitos no pano, defeitos que na maioria dos casos têm a sua origem em deficiências técnicas, por irmos mais que uma vez à retrete, etc.; ora é a ameaça do desemprego, a redução das horas de trabalho.

Se esta nossa situação é real e todos nós sabemos que o é, se as entidades oficiais dizem reconhecer que os nossos salários são baixos, se as empresas continuam a laborar e as grandes empresas inclusivé, com vários turnos e aumentando constantemente as suas instalações e capital, o que é que impede que os nossos salários sejam aumentados?

Até há pouco, justificavam os patrões e o governo a manutenção dos salários de fome com a crise. Porém, como neste momento a crise não é o maior mal que afecta a indústria, pretendem uns e outros que os salários só poderão ser aumentados depois de aumentada a produção. Será que isto seja válido e de aceitar? São as realidades que mostram à classe o contrário. Nas empresas em que a produção foi já aumentada pelo maior número de teares e outras máquinas mecânicas com que nos obrigaram a trabalhar, os salários mantêm-se; nas empresas em que toda a maquinaria mecânica foi substituída por automática, de muito maior rendimento, os salários mantêm-se e, num enoutro caso, em que trabalhamos num ritmo superior às nossas condições físicas são os já

(continua na página 5)

Não esqueçamos as eleições sindicais

Na medida em que este ano é para terem lugar várias Assembleias Gerais para a eleição de novos corpos gerentes nos sindicatos da nossa classe, é bom que todos os têxteis, incluindo as mulheres tenham bem presente o que representa para a classe ver à frente dos seus sindicatos homens sérios, capazes não só de nos atenderem como de defenderem, junto dos patrões e do Governo, os interesses da classe.

É certo que cada operário e operária sentem, constantemente, a necessidade de, à frente do sindicato, estarem homens honrados e decididos a defenderem-nos. Não admira que assim seja. É que nós temos um número grande de problemas importantes que esperam solução. A saída do aumento de salários; sustento do desemprego que em alguns casos chega a ser massivo; o exigirem que se trabalhe com um número de máquinas superior às nossas possibilidades físicas; as multas e castigos que constituem verdadeiros abusos; a necessidade de uma casa decente mas de renda acessível e o não cumprimento dos actuais Contratos Colectivos de Trabalho com o seu cortejo de não pagamento de salários correspondente à categoria; o não pagamento do Subsídio de Parto e o atraso no pagamento do Abono de Família; a manutenção de turnos com horários mais que prejudiciais a quem trabalha e mulheres e jovens privados do salário a que têm direito, são alguns dos problemas que desde há muito estão no conhecimento de quem de direito tem dos resolver mas para os quais, no que toca aos sindicatos, bem necessário é que tenhamos direcções que nos apoiem verdadeiramente e se impliquem em nossa defesa, principalmente nos casos em que os C.C.T. são grosseiramente violados.

Mas não basta que todos saibamos ser assim. A lei garante que os sindicatos estejam regularmente as suas direcções. Entretanto sabemos como isto é tentado não ser cumprido, não esquecendo casos absurdos como os da Serra da Estrela em que, contrário às próprias leis, os sindicatos da Covilhã, Gouveia e Torozendo se encontram em regime de Comissões Administrativas desde 1946, continuando esta mesma situação apesar do Ministro das

Corporações, em Novembro de 1958 ter dito à classe no sindicato da Covilhã e diante do Delegado do I.N.T., que as «eleições iriam ter lugar imediatamente».

Cabe perguntar: porque não são autorizadas as eleições na Serra da Estrela e em muitos outros sindicatos da nossa classe não são realizadas dentro do prazo que a lei manda? Será que a classe o não deseja ou não haja entre os têxteis homens idóneos? Todos sabemos que não, inclusivamente o senhor Ministro das Corporações.

Mas nós temos uma lei, lei essa que garante que nenhum sindicato pode estar em regime administrativo mais que 10 anos e que, regularmente, as eleições devem ter lugar de 3 em 3 anos.

Pois deve ser bem assente nesta lei, que «O Têxtil» indica a toda a classe que se una e organize comissões para elaborarem a lista com os nomes dos companheiros da sua confiança a apresentar para a direcção. Será à volta destas comissões e de apoio à lista que a classe apresente, que todos os têxteis, homens e mulheres, como um só, em defesa dos interesses de todos, devem exigir que nos sindicatos a que cada um pertence, sejam efectuadas eleições de acordo com o prazo que a lei manda. Todos pela lista da classe.

(CONTINUAÇÃO DA PÁG.ª 4)

magros salários ainda diminuídos com as multas que constantemente nos são aplicadas. Multas, é o nome que os patrões aplicam e o Governo aceita. Roubo, é o que nós sentimos constituir.

Assim, o que impede o aumento de salários e que outras reivindicações da classe sejam atendidas não é a crise nem a chamada fraca «produtividade» da indústria, mas o facto dos patrões, na defesa dos seus interesses de classe quererem auferir lucros cada vez maiores e do Governo não defender quem trabalha, mas quem explora.

A chamada «harmonia de interesses» entre patrões e operários, não passa de uma treta como a do lobo e o cordeiro e idêntica ao ditado do povo que diz não ser com «vinagre que se apanha moscas».

Não pretende a classe que os lucros dos patrões passem totalmente para as nossas mãos, tão pouco que os industriais deixem de modernizar o apetrechamento das suas fábricas.

O que se pretende é que os nossos salários sejam actualizados e correspondam ao actual custo de vida e que não estejamos ameaçados de desemprego. E isto é possível. Porém, é apenas possível na medida em que todos os têxteis, homens e mulheres jamais descansem em promessas, se unam, se organizem e lutem.

Para os têxteis não pode ser suficiente que no Minho e no Porto, na Serra da Estrela ou no Sul, a classe tenha apresentado em alguns sindicatos, em concentrações, exposições reivindicando o aumento.

Se outras classes, como funcionários do Estado e de algumas câmaras, pescadores e outras obtiveram os aumentos reivindicados, também a classe têxtil, mais numerosa e com mais força, tem condições para forçar a saída do aumento. Para isto é preciso lutar.

Uma vez que todos nós sentimos as dificuldades com que vivemos — resultantes dos salários de fome — e conhecemos e desejamos unanimemente de todos os companheiros e companheiras dum aumento de 60 por cento sobre os salários da classe, uma coisa se nos impõe: que a partir deste momento, nas empresas, os companheiros formem a sua comissão e assentem a melhor forma de lutar pelos 60 por cento.

A acção principal dos têxteis neste sentido deverá ser:

Que em todas as empresas e terras os têxteis estejam unidos e organizados para exigirem os 60 por cento de aumento;

«O Têxtil» apela para que todos os seus leitores, para que os operários e operárias mais activos, procurem rapidamente organizar os companheiros da sua empresa e actuem para que em todas as outras fábricas e terras os têxteis se organizem e actuem, junto dos patrões ou do Sindicato, em concentrações ou exposições, reivindicando os 60 por cento de aumento de salários.

Os nossos salários têm que ser aumentados.

Os 60 por cento terão que nos ser dados, apesar dos esforços dos patrões e de quem os defende, para o impedir.

O POVO quer que Salazar se demita

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 4)

É do conhecimento da classe o sentimento nacional e a acção de vários sectores da população do País a exigir que o chefe do Governo, Salazar, se demita. Sobre isto se tem pronunciado a classe operária — incluindo os têxteis —, através das greves políticas que tiveram lugar após as eleições presidenciais, de assinaturas e manifestações de protesto como as que tiveram lugar quando da vinda de Américo Tomás ao Norte, se pronunciaram os intelectuais e os sectores da pequena e média indústria, do comércio e agricultura através dos documentos de Braga, Beira Litoral, Lisboa e dos estudantes das 3 Universidades do país, num total de mais de 800 assinaturas, se têm pronunciado muitos católicos como S. Ex.ª Rv.ª, o Bispo do Porto, e tanto no Continente como onde quer que se encontrem portugueses, muitos dos quais foram forçados a abandonar a Pátria para procurar lá fora, longe dos seus, o sustento que lhes faltava.

Porquê, pois, todo este sentimento e acção para que Salazar se demita? Será ainda hoje tudo esta acção uma vez que o Governo fala no Plano de Fomento e será ela uma força capaz de, efectivamente, forçar a demissão do chefe do governo que o mesmo significa terminar com um regime?

Ao respondermos a estas duas perguntas, não podemos deixar de lembrar que, tendo Salazar como norma a promessa, é sentido na carne do povo e muito particularmente na classe operária, qual é a realidade. O Governo não tem dois anos de existência. Trinta anos, são mais que suficientes para que alguma coisa de concreto tivesse sido feito em proveito da Nação e dos trabalhadores.

Ah há pouco, justificava Salazar a atração e a miséria do País com o guerra, escondendo à Nação de que se a sentença se deve ao facto de os principais alimentos, como as gorduras, carnes, conservas, cereais e até combustíveis terem sido enviados, não para os aliados mas para as forças nazis, e hoje, em que todos os países que participaram e foram devastados com a guerra se recuperaram, Portugal marca passo. Como este exemplo é do conhecimento de todos e já não convence ninguém, os governantes passaram a dizer que a nossa miséria é filha da pobreza do nosso país, subscita a costa marítima. Entretanto, nós sabemos que a terra não produz mais por no país haver propriedades imensas nas mãos de uma só pessoa e por cultivar e a pequena agricultura viver sem ajuda do Estado para modernizar a sua exploração. Como é sabido,

o nosso País apesar de pequeno, seu subsídio é rico, abundando a ferro, volfrâmio, ouro, urânio, manganês, etc. O que acontece sim, é que as principais riquezas nacionais não se encontram nas mãos dos portugueses mas sim de monopólios estrangeiros, com todo o prejuízo que daí advém para a Nação.

Outro tanto se coloca quanto ao mar. Não é pobre uma costa em que os grandes armadores gozham fortunas e os pescadores vivem na miséria mercê da exploração de que são vítimas. É tudo isto que o povo não esquece nem deixa de sentir, razão porque nas últimas eleições quis eleger seu presidente o Gen. Humberto Delgado. É porque após as eleições o Governo não deu solução a nenhum problema nacional importante — não esquecendo que pelas trapassas e repressão impediu que o povo escolhesse livremente o seu representante — os portugueses querem, exigem que Salazar se demita. Ele é o chefe do Governo, o obreiro da actual regime e seu chefe. Eis porque é ele que impede que os salários sejam aumentados, que aumente as contribuições para ampliar os receitas do Estado, não para obras de cultura, hospitalar ou de ensino, porque a sua política não dá alçada para a vida à indústria — não se compreende monopolição como ajuda — para que se modernize e desenvolva, mas para armas, para os pactos de guerra que são os do Atlântico e Peninsular. Em lugar de obras que sirvam o povo e a Paz, explica a Nação e serve o Guerra, numa política que não dá conteúdo a interesses de todo o povo. Salazar nunca aprovou as propostas de U.R.S.S. para o desarmamento e se pôr fim às experiências atómicas. Enquanto todos os Estados capitalistas mantêm relações comerciais com os países socialistas que constituiriam um grande mercado, Salazar priva a Nação do superior para os produtos cuja exportação é bastante reduzida e afectam a vida económica do País, como a cortiça, conservos e vinhos.

Eis porque o povo vê em Salazar o culpado duma política retrógrada, que assenta em miséria e repressão. Miséria para todos os que labutam. Repressão sobre todos os que não digam amém à sua política. Eis porque o povo quer que Salazar se demita.

A segunda pergunta, nós lembraremos apenas que nunca governo algum conseguiu governar toda a vida contra o vontade do povo. Mas se este alia à sua vontade a unidade e se organiza, o regime que o aprima não pode ir longe. Presentemente, em que os portugueses se estão unindo e actuando neste sentido, a classe têxtil, como uma das mais exploradas que é, deve dar o melhor do seu esforço unido-se e organizando-se à volta dos seus problemas reivindicativos e políticos, como as próximas comemorações do 50.º aniversário da implantação da República e das próximas eleições para deputados em 1961.

Da nossa acção, do empurrão que nós também damos, depende muito que seja satisfeito o desejo nacional. Que Salazar se demita.

Além disto tem aqui lugar e mais vil dos roubalheiras. As operárias são-lhes descontados 40 por cento em cada tear, obtendo por vez, este desconto miserável 160000 semanalis.

As operárias, não podendo mais suportar este estado de coisas e verificando que os descontos continuavam mesmo depois das suas protestos junto do anagelheiro, recusaram receber a fôrca.

Na semana seguinte foram trabalhar mas activaram-se 2 dias sem a receber. Porém, com as promessas e ameaças do engenheiro de que deixarão da ter direito à fôrca se a não recibessem naquele dia, as operárias cederam. Ainda mais, foram ao I.N.T. reclamar contra os descontos e os 4 tearos onde lhes disseram que isso estava dentro da lei e que não podiam fazer nada x.

Se as operárias são surpreendidas a converter são castigadas num dia para a casa. Há pouco foram despedidas duas por terem ido protestar contra toda esta situação, o que indignou todo o pessoal da fábrica. A estas operárias só querem dar 15 dias de remuneração.

— Fábrica da Arcoisa aqui é frequente haver ovarias nos teares. Quando isso acontece os operários não podem ir a obra, não lhes pagam a fôrca no sábado e para os entreter dão-lhes apenas 50000 para «remediar».

— Na fábrica da Senhora da Hora, no Ano Novo as operárias foram obrigadas a trabalhar. Uma comissão de companheiros foi à gerência pedir para saírem mais cedo uma hora mas não foram atendidos.

Companheiros e companheiras têxteis! Em face da exploração e das roubalheiras de que são vítimas «O Têxtil aconselha-vos a unir-vos e, como um só, porque todos são vítimas e é central-vos nas relações e no sentido, a exigir os vosso direitos. As roubalheiras dos avultos, os despedimentos e a exploração só poderão ser evitados pela nossa acção e pela unidade da todos em cada empresa.



— Salazar não sai por si, é preciso ... e empurrá-lo.